

O Martírio do Infante Santo e a Expansão Portuguesa (Século XV)

RENATA CRISTINA DE SOUSA NASCIMENTO¹

As narrativas sobre o desastre de Tânger (1437) e o martírio do Infante Santo D. Fernando tem sido objeto de estudo desde a célebre crônica de Frei João Álvares- que tem sua primeira versão editada em 1527 tendo por nome “*Chronica dos Feytos, Vida, morte do Infante Fanto D. Fernando que Morreo em Fez*”, posteriormente foi também editada em Coimbra em 1577. Para Serrão (1999:11), as duas edições correspondem a momentos de crise na história da expansão portuguesa em Marrocos.

O alargamento do reino português fazia parte do projeto expansionista já iniciado em 1415 com a conquista de Ceuta. “Ao ocupar Ceuta, Portugal ia tão longe quanto possível na reserva de espaços ao seu ulterior projeto expansionista...era pois triunfo de grande valor a ser exibido perante Castela e aos olhos atentos dos restantes reinos cristãos e do papa”. (Farinha, 1999:4) Desde seu início o estabelecimento dos portugueses em África foi realizado sob o signo de Cruzada. O alargamento da conquista marroquina dividiu opiniões, mas a possibilidade de uma política expansionista de caráter internacional e a defesa da fé cristã frente ao Islã, numa época em que o perigo turco no Oriente inquietava a Europa, era um objetivo que a todos interessava.

Para dar continuidade ao projeto expansionista e proteger Ceuta era preciso ocupar mais praças no norte africano². A expedição a Tânger foi organizada durante o reinado de D. Duarte. Nas Cortes de Évora de 1436 foi decidido apoiar a iniciativa. Segundo o cronista Rui de Pina os principais entusiastas da expedição foram D. Henrique e D. Fernando. Em 1437 a expedição partiu de Portugal:

“Assente, por decisão régia, o ataque à praça marroquina após complexos trâmites que não importa aqui rever, o Infante e os que o acompanhavam- entre eles, naturalmente João Álvares- entraram a 25 de Julho no navio ancorado, em frente da cidade de Lisboa,

¹ Doutora em História pela UFPR. Professora adjunta da Universidade Federal de Goiás (Campus de Jataí) e da Universidade Estadual de Goiás.

² “Num período de pouco mais de cem anos, ou seja, entre 1415 e 1521, Portugal conquistou, ocupou e construiu no Norte da África um conjunto significativo de cidades e praças fortes, mantendo aí uma presença ininterrupta, sobretudo de caráter militar.”(ROSA, 2006:1)

o qual seguiu para o Restelo, voltando o Infante à capital para se despedir dos soberanos. Era uma quinta feira, 22 de agosto, quando a armada partiu do Restelo, e, cinco dias mais tarde, estava em Ceuta. Em 9 de setembro foi repartido o contingente em duas frações, seguindo por terra a maior delas, apesar dos perigos que o caminho oferecia. Chegaram finalmente à vista de Tanger no dia 13.” (CALADO, 1964:23)

Foram 37 dias de luta. As fontes divergem quanto à iniciativa de um acordo, mas a maioria afirma terem sido os portugueses a proporem um armistício. A preeminente derrota frente aos mouros devido à falta de homens e de provisões e a qualidade das fortificações da cidade de Tanger impediram o sucesso da empreitada. Outro fator que também colaborou com a derrota portuguesa frente aos mouros foi a fraca estratégia e o fato de que estando os portugueses demoradamente em Ceuta tiveram os inimigos tempo hábil para se prepararem para a defesa. Em 12 de outubro de 1437 D. Henrique, então chefe da expedição, decidiu-se pela rendição. Sallah ben Sallah que aguardava o exército cristão em Tanger já havia recrutado 7000 homens. O exército mouro cercou os portugueses, cortando-lhes a comunicação com os navios. Sem opção os portugueses aceitam as exigências dos mouros. Segundo Moreira, (2009:82-83) as condições da rendição seriam:

- Os mouros deixavam ir livremente os portugueses, apenas com a roupa do corpo;
- Todo o material militar, assim como os cavalos, que estavam no arraial seria entregue aos mouros;
- A cidade de Ceuta deveria ser devolvida.
- D. Duarte teria que estabelecer com eles, por mar e por terra, paz definitiva, assim como com todos os mouros da Berberia;
- Sallah Ben Sallah daria seu filho como garantia de segurança de embarque dos cristãos, sem confrontos;
- Como garantia da entrega de Ceuta, assim como todos os seus cativos, ficaria refém o Infante D. Fernando acompanhado por um pequeno grupo.

Os debates que envolvem o desastre de Tanger são vários: Rui de Pina acusa D. Henrique pelo insucesso da empreitada. Sabe-se, porém que durante cinco meses o

Infante manteve-se em Ceuta acompanhado da maioria de seu exército. Procurava garantir que a cidade não fosse entregue e tentou por todos os meios resgatar seu irmão.

Clínio Amaral (2009) em recente artigo sobre as discussões historiográficas sobre o Infante Santo afirma que os debates sobre a derrota em Tanger trouxeram a luz os motivos que levaram o Infante D. Fernando a participar da expedição. Para Luís Albuquerque (1994:414) “D. Fernando optou por essa aventura devido a sua ambição em aumentar a fortuna, cujo valor considerava insuficiente. No entanto, acabou numa masmorra, morto, abandonado por razões de Estado, mas transformado em santo pelo imaginário popular.”

Nas cortes de Leiria de 1438 foi decidida temporariamente a sorte de Ceuta e conseqüentemente dos cativos. “Lisboa, Porto, o Algarve, o grosso da nobreza e altos dignatários da Igreja eram pela conservação da praça e logicamente pela continuação do projeto” (Coelho, 1994:72). Pelo que auferimos das cortes alguns concelhos e os infantes D. Pedro e D. João eram pela entrega de Ceuta. Diante do impasse a resistência aos mouros foi a posição assente. No mundo ocidental, especialmente no contexto português da época, a mentalidade cruzadística e a missão preconizada de defesa da fé cristã frente à muçulmana não podem ser desprezadas como razões suficientes para o não cumprimento do acordo e o abandono do Infante Santo no cativeiro.

O desastre militar e o impasse político afetaram profundamente o rei D. Duarte. Como rei não poderia desistir de Ceuta, mas obviamente se sentira infeliz com a sorte do irmão. Em setembro de 1439 morre o rei em Tomar. A crise sucessória que tomou conta do reino impediu que se prosseguissem as negociações relativas à libertação dos cativos. Desse modo, abandonado à própria sorte, falece em cativeiro o Infante D. Fernando (1443).

Os dois cronistas mais importantes sobre o início da expansão marítima são Gomes Zurara e João Álvares. Álvares, de modo especial, é a principal fonte sobre a vida e morte do Infante Santo.

“A maior interseção discursiva, entre esses cronistas, aborda a motivação da expansão ultramarina portuguesa. Segundo eles, toda história dos descobrimentos era explicada por duas noções básicas – o serviço a Deus e a

expansão da fé católica. Expressões desse mesmo campo semântico aparecem em todas as crônicas trabalhadas, com grande recorrência. Ceuta, segundo Zurara, fora conquistada para expandir a fé cristã e expulsar o inimigo muçulmano do norte da África. O discurso é o mesmo em relação à expedição de Tânger, na crônica do Frei João Álvares. É interessante sublinhar que tanto Zurara quanto Frei João Álvares estavam escrevendo praticamente no mesmo período, a década de 1450, sob tutela do rei D. Afonso V e também do Infante D. Henrique, que tinham um projeto bem definido sobre a África. Portanto, a temática dos descobrimentos em ambos os autores está diretamente ligada a uma sacralidade que visava consolidar esse projeto de conquista do norte da África.” (AMARAL, 2008)

1- João Álvares e o Martírio do Infante Santo

Primeiramente é importante situarmos o contexto histórico a que pertence o cronista para depois passarmos à análise específica da fonte. Frei João Álvares é natural da Vila de Torres Novas, foi moço da Câmara de D. Fernando e depois seu secretário. O frei tomava parte nas cerimônias do culto que se realizavam na capela do Infante ou na própria câmara. Acompanhou-o na malfadada derrota de Tanger, sendo ao lado do infante, cativo dos mouros. D. Fernando morreu em Fez em 5 de julho de 1443 onde haviam sido transferidos os cativos de Tanger. João Álvares foi testemunha de seu sofrimento e de seus últimos momentos de vida na cidade de Fez.

O cronista foi resgatado em 1448, cinco anos, portanto após a morte de D. Fernando. Foi autor do *Trautado da Vida e Feitos do Muito Virtuoso Sor Iffante D. Fernando*, mais conhecido como Crônica do Infante Santo, que compôs entre 1451 e 1460. “Tendo vivido na intimidade do Príncipe, Frei João Álvares dispunha de informes preciosos acerca de seu biografado. Acompanhara-o na sua juventude e, sobretudo, viveu com D. Fernando nas horas amargas do cativo, recebendo-lhe as últimas confidências.” (Serrão, 1999:11).

Após alguns anos de seu retorno a Portugal foi convidado em 1451 para ingressar na Casa Henriquina e, a pedido do “Navegador” e do rei D. Afonso V (1448- 1481) redigiu o texto da crônica. Outra grande entusiasta da memória relativa ao Infante Santo

e a sua sacralização enquanto personagem central e mártir de Fez foi a Duquesa Isabel de Borgonha sua irmã³. Esta foi responsável pela difusão do culto ao Infante D. Fernando e enquanto pôde trabalhou incansavelmente por sua beatificação e futura canonização junto ao Papa Paulo II. Promovia diariamente o culto a seu irmão, inicialmente em sua capela e depois em Guimarães e Lisboa. Segundo Cristina Sobral (2007:15) a Duquesa D. Isabel de Borgonha não só assume o papel de defensora da santidade do irmão, mas, provavelmente, tornou-se a principal divulgadora de sua vida sacrificial e de sua morte na Europa. Conforme Fontes⁴ (2000) a obra de João Álvares deve ser vista como uma hagiografia, contendo todos os elementos discursivos comuns a esta forma de narrativa. Deteremos-nos aqui na edição de Frei Jerônimo de Ramos, versão atualizada em 1730.

Já no início do discurso são narradas as dificuldades enfrentadas pela Rainha Filipa de Lencastre (1359-1415), que não gostaria de perder seu filho ainda em gestação. Tendo partido em peregrinação a Igreja de Vera Cruz de Marmelar teve bom parto: “e mando à fanta vera Cruz do Marmelar pelo preciofo lenho da Cruz. Que ahi eftá. E foy Deos fervido, que depois de alguns dias tiveffe a Rainha bom e feguro parto; e pario a effe Infante no anno de Chrifto de 1402, dia de São Miguel.” (Álvares:37).

Segundo o Frei durante a infância D. Fernando foi vítima de uma série de doenças até a idade de vinte e cinco anos, chegando, por várias vezes à beira da morte. “E em toda fuá vida teve continuamente dor de coração: mas poz Deos em elle, e o conservou em muytas virtudes...Guardava muy inteiramente a virginal caftidade e nunca conheceo alguma mulher.”

Em vários momentos da construção narrativa não é possível encontrar o ser humano e sim o santo. Isso traz uma série de questões pertinentes ao estudo da hagiografia do século XV. Cristina Sobral (2007:12) diz que uma das características dos textos hagiográficos é sua capacidade de dialogar com a realidade, oferecendo-lhe

³ Casou-se em 1430 com Felipe III Duque da Borgonha- conhecido como Felipe o Bom. Faleceu em 1471.

⁴ Cito aqui a análise realizada por Clínio de Oliveira Amaral (2008), pois ainda não tive acesso a obra de João Luís Inglês Fontes: Percursos e Memória: Do Infante D. Fernando ao Infante Santo. Cascais: Patrimonia, 2000.

modelos de comportamento, especialmente em momentos de crise política e convulsão social.

“Pouco do talento literário de Fr. João Álvares teria tido conseqüências sociais se o Infante D. Henrique, seu novo protetor, não tivesse encomendado a escrita da obra depois de explicitamente ter promovido o culto ao irmão morto, cuja prisão gerara grave crise política, levando à ameaça de cisão social e à comoção coletiva pelo sofrimento do jovem Infante, sacrificado às estratégias políticas ultramarinas. Em 1451, recebera D. Henrique os restos mortais do irmão, venerando-os com o responso pelos mártires, presidindo às cerimônias com missa de *Plurimorum martirium* e instituído missa diária na capela da Batalha.” (SOBRAL:2007, 15)

Ao transformar o cativo em mártir resgata-se a santidade dos primeiros heróis do cristianismo, chamados os santos mártires. Neste contexto, ao sacrificar-se pela nação e pela evangelização dos infiéis, a prisão do Infante D. Fernando e sua conseqüente morte em Marrocos assume um viés de sacralidade. O desejo de canonização motivou também a redação e divulgação do relato de Álvares.

A narrativa do texto também está repleta de virtudes, especialmente de virtudes morais. Suas vestimentas diárias também eram muito simples, se levássemos em consideração sua posição social: “Os veftidos ricos, e nobres de fuá peffoa, e os guarnecimentos de fuá cafa, não os coftumava fenão nas feftas, e dias fantos, e em quanto eftava na Corte, e nos lugares, e tempos, em que lhe convinha de ufar por ferviço e por prazer Del Rey...”(Álvares:15). Outro aspecto refere-se a sua ação cotidiana: “Verdadeiramente defte fenhor Fe pode certificar, q no peccado da ociofidade elle haja muy poucas vezes encorrido porque foy fempre muy diligente em todas fuás obras.”(Álvares:32-33) Os episódios de sua vida são obviamente associados à trajetória de um santo.

Clínio Amaral (2008) defende que o culto ao Infante Santo será edificado no sentido de legitimação da expansão portuguesa, fazendo parte do projeto político da Casa de Avis.

2- As relíquias e o culto ao Infante

Após a morte de D. Fernando os mouros à época liderados por Lazeraque retiraram do corpo do infante suas tripas e o penduraram de cabeça para baixo nos portões da cidade. Os prisioneiros então em grande sofrimento aproveitaram a distração de seus algozes e “Entrarão na cafa da mafmorra que inda até então jazião apartados os outros cativos...E nefte e fpaço meterão as tripas e a freçura com o coração, tudo como o tinhão guardado em huma grande pannela de barro...e tudo foy muy bem falgado. (Álvares:321).

O resgate das relíquias da fressura, coração e tripas e do que foi tirado do corpo do Infante foi feita em 1451, sendo estas enviadas a Portugal e depositadas em seu túmulo no Mosteiro da Batalha. O estudo das práticas e das crenças do cristianismo medieval nos remete à importância das relíquias enquanto realidades materiais necessárias na representação de um sagrado transcendente. Segundo Jean- Claude Schmitt (2007, 280), com efeito, a experiência religiosa não consiste apenas em crenças e num imaginário do além e do divino, e nem somente em palavras e gestos (orações, homilias, ritos, etc), mas consiste, também, em manipulações de objetos de toda espécie, cuja natureza, grau de consideração e funções são variadas. No ocidente vários objetos materiais são considerados simultaneamente como santos e como representações do sagrado: Por exemplo, a cruz, a eucaristia e as santas relíquias.

Neste sentido o culto ao Infante encontraria abrigo e se tornaria mais concreto com a veneração popular de seus restos mortais. Veneração esta apoiada e patrocinada especialmente por D. Henrique e por seu sobrinho o rei D. Afonso V como já dito anteriormente. Durante o governo de D. Afonso V (1448-1481) a ampliação das conquistas em África se concretizaram consolidando ainda mais o projeto expansionista.

A posse de Alcácer Ceguer conseguida em 24 de outubro de 1458 também contribuiu para o controle de Gibraltar e a tão sonhada conquista de Tanger. Esta cidade enfraquecida, devido ao cerco, tornou-se presa fácil para o exército português: “[C] Om estas cousas que assy o conde hya fazendo na terra dos mouros hya osseu poder delles enfraquecendo cada uez mais. Specialmente naquela comarca de tanger, onde se o sseu deseio mais inclinava fazer dampno” (ZURARA, 1978. p. 250-51). O próprio monarca participou pessoalmente desse episódio. Em 1471 Tânger foi ocupada. Isso só foi

possível devido à conquista de Arzila. Damião Peres (1946, 433-450) narra com detalhes a conquista destas cidades e as dificuldades que os portugueses enfrentaram para fortificá-las e mantê-las sob seu domínio. Os marroquinos, já em 1458 tentaram incessantemente reconquistar Arzila.

A conquista de Tanger foi muito importante não somente do ponto de vista econômico- militar, mas, também contribuiu para que popularmente houvesse a crença de que a prisão e morte do Infante não teriam sido em vão. De que o projeto divino seria finalmente concretizado. Importante ressaltar que “nas crônicas produzidas por Pina e seus sucessores não há nenhum fato relacionado à recuperação das vísceras de D. Fernando porque era entendida como sinal de uma desonra ainda não reparada.” (AMARAL :2008, 118) O mesmo não se pode dizer da chegada da ossada do Infante após a conquista das cidades de Tanger e Arzila.

N' este anno sendo ainda em Fez, os ossos do Infante D. Fernando, que lá falleceu era um santo captiveiro como atrás fica...finalmente o dito Molley Belfagege enviou a El-Rei a própria ossada do dito Infante, bem reconhecida por tal por Molley Belfaca seu filho moço,...os quaes por mar chegaram com Ella a Restello, e do navio foi tirada e trazida com grande manificencia à cidade de Lisboa, e entrou pela porta de Santa Catherina, onde com solemne procissão foi recebida, e alli pelo priol de S. Domingos Mestre Affonso se fez um sermão para o caso mui conveniente e devoto, em que houve palavras de tanta piedade e compaixão, que commoveram as gentes a muitas lagrimas ...E d'alli foram os ossos postos no mosteiro do Salvador, e de hi levados ao mosteiro da Batalha, e postos com devidas exéquias em sua ordenada sepultura...(PINA:1901, 71-72)

O cronista Rui de Pina ainda nos informa sobre a crença nos milagres realizados por intermédio do Infante D. Fernando: “onde segundo alguma clara evidencia, Deos por merecimentos do dito Infante, e em sinal de sua bemaventurança fez alguns milagres... (PINA: 1901, 72) E mais adiante: “E certamente com a restituição da ossada d'este bemaventurado Infante, por justas causas e mui claras razões recebeu todo o reino prazer e alegria sem couto...” (PINA: 1901, 72).

Além da redação do texto sobre a vida e morte do Infante Santo João Álvares com suas ações fomentou seu culto e ao lado de D. Isabel de Borgonha tentou, junto a

Roma conseguir sua canonização. O culto sobreviveu à proibição das festas em sua homenagem pelo Bispo de Leiria D. Martim Afonso (1605-1615) por não ser até este momento o Infante ao menos beatificado. No entanto a crença popular no santo continuou independente da autorização oficial do papado.

Referências Bibliográficas:

Fontes impressas:

ALVARES. Frei João. **Chronica dos Feytos, Vida, e Morte do Infante Fanto D. Fernando, que Morreo em Fez.** In: RAMOS, Jerônimo de. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1730.

PINA, Rui de **Crónica do Rei D. Duarte.** Lisboa : Editorial Presença, 1966.

----- **Crónica de El Rei D. Affonso V.** Lisboa: Escriptorio, 1901.

ZURARA, Gomes Eanes de. **Crónicas do Conde D. Duarte de Meneses.** Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1978.

Bibliografia:

Amaral. Clinio de Oliveira. **O culto ao Infante Santo e o projeto político de Avis (1438-1481).** Niterói: Tese de doutorado (UFF). 2008.

_____. **A relação entre o culto ao Infante Santo e o projeto político de Avis na segunda metade do século XV.** In NOGUEIRA, Carlos. O Portugal Medieval. SP: Alameda, 2010.

_____. **As discussões historiográficas em torno do Infante Santo.** In **Revista Medievalista.** Ano 5. nº 7, 2009. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista>.

CALADO. Adelino de Almeida. **Frei João Álvares- Obras. Edição crítica, cartas e traduções.** Vol II, Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra. 1959

COELHO, Antônio Borges. **Clérigos, Mercadores, Judeus e Fidalgos.** Lisboa: Caminho, 1994.

FARINHA, Antonio Dias. **Os Portugueses em Marrocos.** Lisboa: Instituto Camões, 1999.

FONTES, João Luís Inglês. **Percursos e Memória: Do Infante D. Fernando ao Infante Santo.** Cascais: Patrimonia, 2000.

GALVÃO. Arminda Rodrigues. **El Príncipe Constante: Do Nobre Infante ao Infante Santo.** Niterói. Dissertação de mestrado (UFF), 2006

GOMES. Saul Antônio. **D. Afonso V- o africano.** Reis de Portugal. Lisboa: Temas & debates. 2009

MOREIRA. Hugo Daniel Rocha Gomes da Silva. **A Campanha Militar de Tanger**. (1433-1437). Dissertação de mestrado (Faculdade de Letras da Universidade do Porto): Porto, 2009.

ROSA. Maria de Lourdes. **Do santo conde ao mourisco mártir: usos da santidade no contexto da guerra norte- africana (1415-1521)**. In Deutsches Historisches Museum, Novos Mundos- Portugal à época dos descobrimentos. Ciclo de conferências- Berlim: 2006. Disponível em <<http://www.dhm.de/ausstellungen/neuewelten/pt/essays.html>>.

SCHMITT. Jean- Claude. **O Corpo das Imagens- Ensaio sobre cultura visual na Idade Média**. Tradução de José Rivair Macedo. Bauru, SP: Edusc:2007.

Serrão, Joaquim Veríssimo. **História e Antologia da Literatura portuguesa (Século XV)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1999

SILVA. Vítor Deodato. **O Infante D. Henrique e as Responsabilidades do Desastre de Tanger**. Revista de História da USP. Nº 47. SP: 1961. p 141-143.

SOBRAL. Cristina. **Hagiografia em Portugal: Balanço e Perspectivas**. In Revista Medievalista. Ano 3.nº 3.2007. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista>.